

REACIONARISMO CATÓLICO ONTEM, HOJE E SEMPRE...

Os “vencidos” do catolicismo na modernidade

CATHOLIC REACTIONARISM YESTERDAY, TODAY
AND ALWAYS...

The “losers” of Catholicism in modern times

Emerson José Sena da Silveira*
Juiz de Fora, MG

Síntese: O presente artigo analisa o reacionarismo entre os católicos no século XX. Baseado em uma metodologia ensaístico-bibliográfica, argumenta que as organizações contemporâneas que defendem um catolicismo e uma Igreja voltados para a ênfase em guerras da moral e da cultura (campanha antiaborto e contra o casamento LGBTQIA+), podem ser vistas como complexas heranças conservadoras mescladas às linguagens midiáticas modernas que articulam a fé religiosa reacionária num passado idolátrico e a ação público-política em uma finalidade: apontar o futuro como hierofania do *modus vivendi* reacionário.

Palavras-Chave: Reacionarismo católico; Guerra moral católica; Modernidade e catolicismo

Abstract: This paper analyses the presence of reactionarism among Catholics on the twentieth century. Based on a bibliographic-essayist methodology, one proposes the premise that contemporary Catholicism-advocating organizations, with an emphasis on the cultural and moral Catholic wars – i.e. anti-abortion campaigning, anti-LGBTQ-IA+ marriage campaigning; can be perceived as complex conservative inheritances mixed with contemporary media languages that articulate reactionary religious belief in an idolatrous past and public and political actions with a specific purpose, pointing to the future as a hierophany of the reactionary *modus vivendi*.

* Antropólogo. Doutor em Ciência da Religião (UFJF). Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. E-mail: <emerson.pesquisa@gmail.com>.

Keywords: Catholic reactionarism; Catholic moral war; Contemporaneity and Catholicism.

Introdução

A Igreja Católica atravessou o século XX sacudida por muitos desafios postos pelas modernas transformações da cultura e da sociedade. A era das grandes narrativas, como o marxismo, o comunismo e o cristianismo, entrou em uma crise, simbolizada pela queda do Muro de Berlim, em 1989. Emergiram novos modelos familiares, padrões de moralidade e pensamento, arranjos estruturais de cultura e economia. As três grandes utopias do mundo moderno, o neoliberalismo, a social-democracia e o socialismo/comunismo, encontram-se em uma situação de impasse e crise, assim como as democracias representativas liberais e as estruturas republicanas que vertebram as atuais sociedades ocidentais, no centro ou nas periferias (Levitsky, 2018).

As ondas de populismos, à direita e à esquerda, autocracia e autoritarismos acentuam-se na Europa e nas Américas diante de um quadro de fragmentação, prevalência de crises ambientais, ampliação da sociedade do consumo, do descarte e do espetáculo que impregnam os modos de vida dos grupos, classes sociais, religiões e sociedades (Levitsky, 2018).

O solapamento de processos formais e institucionais de identidade e deliberação político-legislativo-eleitoral amplia-se e, pelas frestas, os grupos religiosos rearranjam suas relações com o espaço público e o espaço estatal. A globalização financeira e cultural, o avanço neoliberal, a desregulação política e econômica trouxeram uma profunda crise de legitimidade ao Estado-Nação e ao contrato social moderno. Concomitantemente, a religião tornou-se um agente político, público, social e cultural, em nível transnacional e local, mesclando-se, por um lado, à luta pelo reconhecimento de identidades e, por outro, às reações agressivas de contestação às mudanças sociais e culturais (Casanova, 2010).

Durante todo o século XX e o começo do XXI, a atuação católica oscilou entre a luta pela presença na sociedade civil e a luta por influência nos aparelhos estatais e no processo eleitoral (Salles; Mariano, 2019).¹

1. A forte, sistemática e organizada atuação católica em torno desses dois eixos de atuação – *ad intra*, comunitário, fortalecendo e homogeneizando vertentes internas e *ad extra*, marchando sobre o espaço público e estatal – tornou-se modelo para outros agrupamentos religiosos, como os kardecistas, evangélicos e afro-brasileiros (Montero, 2006).

Frente a tudo isso, e em especial, o catolicismo se estruturou em três frentes, assim resumidas: a primeira recuperava inspirações sociais de luta pela igualdade e justiça social (socialismo cristão, teologia da libertação, comunidades eclesiais de base); a segunda reagiu às mudanças sociais, políticas e culturais, procurando a centralização do poder papal, o clericalismo e o fortalecimento de organizações integristas-tradicionistas-reacionárias (comunitarismo religioso societário) e seu lançamento como ponta de lança no espaço público, estatal e eleitoral; e a terceira frente, ligada às novas formas de experimentação carismática pessoal, fornecia modelos ligados à sociedade do consumo e espetáculo, conjugou duas faces contraditórias – ênfase na hiperindividualização e formação de comunidades de vida e aliança, desembocando em uma mística experimentalista e em uma atuação moralista, aliada aos grupos reacionários. As três frentes são representadas paradigmaticamente pela RCC, CEBs/TdL e TFP, embora existam muito mais grupamentos ligados a esses três campos de práticas, ideias e narrativas (Silveira, 2018).

Todas essas correntes nascem historicamente, na década de 1960, a década do Concílio Vaticano II, durante a qual a eclesiologia católica foi alterada, alçando os leigos ao protagonismo, e se tornou um ponto de inflexão poderoso. A identidade católica, com heranças múltiplas, acentuou as disputas e ressignificações. Os diversos grupos católicos atuaram e atuam no espaço público, midiático e junto aos poderes públicos a fim de promover influência e perspectivas favoráveis às suas concepções de catolicismo. As tensões e alianças entre grupos católicos leigos e hierárquicos com outras esferas de valores e instituições não-eclesiais, emergidos durante as controvérsias (litúrgicas, morais, pastorais, teológicas) que implodiram a fronteira entre “dentro” e “fora” lançaram a Igreja Católica em novos dilemas.

Os processos de ressignificação acentuaram-se com o Concílio Ecu-
mênico Vaticano II que abriu um extenso leito de controvérsias em plena ebulição por suas repercussões, internas e externas à Igreja Católica. Um processo que, por um período temporal amplo, espalhou-se por várias regiões e países nos quais o Estado Republicano precisou romper com a hegemonia católica, em especial no mundo ibero-latino e europeu (Zanotto; Caldeira, 2014). Nesse sentido, as atuais organizações que defendem um catolicismo e uma Igreja voltados para a ênfase em questões morais e nas guerras da cultura – a campanha antiaborto e contra o casamento gay, por exemplo – podem ser vistas como herdeiras de

antigos agrupamentos cujo auge se deu entre 1940-1980, no caso brasileiro (Zanotto, 2012). Tanto nas novas quanto nas antigas organizações, o recrutamento de novos membros e o uso dos meios de comunicação era fundamental, assim como as estratégias de visibilização na esfera pública, como campanhas, passeatas nas ruas, mobilizações políticas etc.

Nesse sentido, o presente artigo, a partir de uma perspectiva ensaístico- bibliográfica, lança um olhar esquemático e histórico-social-anropológico sobre algumas organizações católicas de feição integralista-conservadora. Parte-se da hipótese de que esses movimentos e grupos tradicionalistas ou integristas que nasceram no seio do catolicismo contemporâneo são uma das respostas dadas à modernidade, como modo e estrutura de vida, e espelham, portanto, as complexas relações entre o mundo moderno e o mundo católico (Caldeira, 2011). Do ninho ideológico desses grupos, nasceram ideias como o anticomunismo, a naturalização das hierarquias dentro e fora da Igreja, a moral patriarcal-heteronormativa. Estudar esses movimentos católicos é fundamental porque o conjunto dessas ideias foi relido e apropriado por novas organizações católicas, como os Arautos do Evangelho, e tornou-se, contemporaneamente, o elo que une, num ecumenismo e diálogo inter-religioso reacionários, alguns segmentos e grupos kardecistas, evangélicos, afro-brasileiros, orientais de feição conservadora-autoritária.

1. A Igreja na primeira metade do século XX: bastiões tradicionalistas

A Igreja Católica que adentrou o século XX caracterizou-se, principalmente, por sua forte re-centralização. Esse processo, denominado de romanização, sucedeu-se durante todo o século XIX e caracterizou-se pela luta por manutenção do poder temporal e pela tentativa de barrar o influxo das ideias modernas em seu interior. O padroado – antigo regime político e religioso que unia a Igreja e a Coroa portuguesa e, posteriormente, a Igreja e o Império brasileiro – formou uma rede complexa em que os choques e conflitos religiosos e políticos eram administrados com relativo sucesso (Azzi, 1977; 1994). Por outro lado, o fluxo ultramontano no Brasil, surgido no século XIX, com auge no Vaticano I (1870), celebrando a autoridade papal e sua infalibilidade, espalhou-se e fincou influências nos movimentos e líderes reacionários católicos do século XX (Caldeira, 2005).

A Igreja Católica brasileira, submetida há séculos pelo regime do padroado português, tornou-se livre num Estado republicano. Todavia, com a Proclamação da República (1889) e a instauração de um Estado laico pela nova carta constitucional (1892), as altas esferas eclesiásticas viram a necessidade de “recatolicizar” a esfera estatal, buscando influenciar as decisões políticas e jurídicas por meio da formação de uma elite intelectual católica (Antoine, 1980).

A emergência da figura de Plínio Corrêa de Oliveira como um líder católico que oscilava entre o integrismo e o reacionarismo deu-se nesse contexto (Zanotto, 2012; 2014). Em torno de sua liderança formou-se um grupo que encarnou radicalmente o projeto de parte da cúpula eclesiástica e desenvolveu durante três décadas, um caminho contra-majoritário na história da Igreja no Brasil. A promulgação da Carta Pastoral de D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda e Recife, em 1916, foi o momento que marcou o início da reação católica propriamente dita frente aos desafios da nova configuração política brasileira (Moura, 1978). A missiva pastoral fazia parte de um ciclo que se delineava desde o início da República, quando a Igreja Católica reunira forças para consolidar reformas internas – como o recrutamento de novos membros estrangeiros para as ordens religiosas, a criação de novas dioceses e a pressão sobre as autoridades públicas (Lima, 1943; Moura, 1978).

O caminho a ser seguido, segundo D. Leme, deveria ser a organização e unificação de grupos de pressão a fim de exigir que o governo republicano adquirisse posições favoráveis em questões relativas à moralidade, à família e a outros aspectos da vida civil (Caldeira, 2005). A meta e o esforço deveriam ser de penetrar as principais instituições sociais a fim de imbuí-las do “espírito católico”, mas um singular, o que é marcado pela leitura anti-modernista de mundo (Caldeira, 2005).

A ideia de impregnação das instituições (escola, universidade, estado, família) – que pode ser lida ao avesso como “luta pela hegemonia cultural” – será retomada com vigor, em especial como reação aos governos de esquerda (2002-2016), que, por um lado mantiveram a espinha dorsal do ajuste e do projeto neoliberal, atenuando seus efeitos mais perversos para as classes mais pobres, e, por outro, tentaram, com relativo sucesso, trazer para o espaço público e o estatal, a ampliação dos direitos de minorias, como dos negros – através das cotas raciais e dos LGBTQIA+s (acrônimo representativo de lésbicas, gays, bissexuais,

trans – transtêneros e travestis; *queers*, intersexuais, assexuais e demais outras sexualidades e expressões de gênero).²

Nota-se que a estratégia da Igreja visava não diretamente as massas, mas as elites. Era, por exemplo, “estabelecendo uma rede importante de colégios em todo o país que a Igreja conta em cristianizar as elites, para que estas por sua vez ‘cristianizem’ o povo, o Estado, a Legislação” (Beozzo, 1984, p. 280). Esse período é denominado como *restauração católica* (Azzi, 1994).

A palavra *restauração*, que passou a ser utilizada pelos bispos brasileiros, fazia referência ao lema do pontificado de Pio XI: *restaurar todas as coisas em Cristo*. O ponto principal desse movimento era, segundo Azzi (1994), o esforço para que a fe católica voltasse a ser um dos elementos constitutivos da sociedade brasileira. Essa era a ideia que se disseminava e dominava os círculos católicos do Brasil: fazer dele uma nação orientada explicitamente pelos valores cristãos. Alguns fatos simbólicos exemplificam o período, como: a instituição pelo papa Pio XI, em 1925, da Festa de Cristo-Rei, a proclamação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida a padroeira oficial do Brasil, em 1930, e a inauguração do Cristo Redentor no Corcovado, em 1931, junto com o Presidente Getúlio Vargas, ministros de Estado e milhares de “cidadãos católicos” (Beozzo, 1984).

Durante esse período e em anos anteriores, a Igreja angariou para seus quadros importantes figuras do laicato pertencentes à classe média e à elite brasileira. Estritamente ligados ao controle da hierarquia eclesiástica, surgiram movimentos leigos que mobilizavam milhares de pessoas por todo o país. De grande destaque e influência foi o Centro Dom Vital e sua revista *A Ordem*. Além de seu fundador Jackson de Figueiredo, o grupo, relativamente pequeno, reuniu vários intelectuais católicos, como: Alceu Amoroso Lima, Hamilton Nogueira, Sobral Pinto, Augusto Frederico Schmidt, Gustavo Corção e, inclusive, Plínio Corrêa de Oliveira. O Centro foi fundado em 1922 com o intuito de, por meio da apologia da fé, defender a Igreja contra o liberalismo, o comunismo e o protestantismo (Moura, 1978; Antoine, 1980; Caldeira, 2005).

2. Justificativa disponível em: <<https://lgbtqiainfo.weebly.com/acronym-letters-explained.html>>. Acesso em: 19 out. 2019.

Marcadas por forte oposicionismo aos ideais liberais, as posições d’*A Ordem* se identificaram com a postura ultramontana³ da Igreja e de alguns pensadores do século XIX. Percebe-se assim que o pensamento ultramontano também ganhou adeptos no Brasil e se configurou, tendo por base aqueles pensadores europeus que tinham dado seu contorno primeiro, que se tinham encontrado e que tinham colaborado em sua gênese (Caldeira, 2005).

Assinalado por diferentes matizes, obviamente decorrentes de conjuntura histórica específica, o pensamento ultramontano brasileiro era imbuído pela mesma meta central de seu correlato europeu: o de construir uma ordem social marcada pelos valores católicos, na qual a Igreja exerceria papel de grande destaque para o arranjo social (Caldeira, 2005).

1.1 Plínio Corrêa de Oliveira e o ideário católico tradicionalista

É no cenário conjuntural da *restauração católica* e de todo o empenho restaurador que Plínio Corrêa de Oliveira surge nos meios católicos. Seu ideal era marcado pela negação total de qualquer forma de adaptação da Igreja à modernidade (estrutura social) e a seus valores. Nas atitudes de Plínio no movimento leigo brasileiro e, principalmente em seus escritos, de 1930 até 1990, quando falece, é possível perceber um paradigma do pensamento ultramontano no Brasil (Lima, 1984; Zanotto, 2012). Plínio foi a figura que catalisou de forma explícita os anseios do movimento restaurador, a fim de trazer o catolicismo novamente para um lugar de destaque e desenvolveu com afinco as ideias da contrarrevolução, advindas especialmente da França,⁴ durante sua vida de militância (Mattei, 1996; Caldeira, 2005).

Mattei (1996) afirma que a aprendizagem espiritual de Plínio foi marcada pelo espírito de combate, que caracterizaria a vida cristã, aprendendo de Inácio de Loyola que a alma do homem é um campo de batalha no qual lutam o bem e o mal: “[ele] compreendeu que o

3. Ultramontanismo pode ser compreendido como a doutrina católico-política que tem em Roma sua principal e única referência. O adjetivo – catolicismo ultramontano – designa os católicos que se alinham às diretrizes advindas de Roma, defendendo seu papel e domínio frente à afirmação dos Estados modernos.

4. A França, que viveu seu surto revolucionário no final do século XVIII, viu nas décadas seguintes a emergência de um pensamento contrarrevolucionário bastante vigoroso, que se aproximava, grosso modo, do catolicismo ultramontano, e que desejava restaurar a ordem anterior à Revolução Francesa, assinalada pela monarquia e presença fundamental da Igreja Católica.

fundamento de tudo aquilo que ele amava era a religião, e escolheu o caminho de uma luta sem quartel em defesa da concepção de vida em que fora educado” (Mattei, 1996, p. 53). Essa perspectiva militante que transparecia no espírito de Plínio refletia bem os anos 1920 e 1930 da Igreja brasileira, que se encontrava em ofensiva frente aos *inimigos* da fé católica: o protestantismo, o espiritismo, a maçonaria e o comunismo (Caldeira, 2005).

O esboço da formação de um grupo em torno de Plínio foi consolidando-se a partir de sua atuação em várias frentes católicas, influenciado por D. Leme e sua política de *restauração*. Estimulado principalmente pelo arcebispo metropolitano de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, o movimento das Congregações Marianas constituiu importante papel na reemergência conservadora que ocorria no catolicismo brasileiro nas décadas de 1920 e, principalmente, 1930 (Maia, 1992). Plínio entrou em 1928 para a Congregação Mariana da Legião de São Pedro, anexa à paróquia de Santa Cecília, na qual editava *O Legionário*, um pequeno jornal impresso (Caldeira, 2005).

Em 1929, Plínio e outros membros de destaque do laicato católico brasileiro fundaram, no Rio de Janeiro, ligada ao Centro Dom Vital, a Ação Universitária Católica (Zanotto, 2012). Participou ativamente dos trabalhos do Centro Dom Vital em sua vertente paulistana, fundada em 1931 e dirigida por Papaterra Limongi. Também atuou na Sociedade de Estudos Políticos – SEP. Fundada em fevereiro de 1932 por Plínio Salgado – líder integralista, vertente política de direita e fascista brasileira –, a SEP, que se tornou mais tarde em Ação Integralista Brasileira, reuniu jovens intelectuais de São Paulo, sobretudo da Faculdade de Direito, e repercutiu a ideologia fascista italiana.

1.2 O grupo de *O Legionário*: presença no panorama católico

Depois de cinco anos como congregado mariano em Santa Cecília, Plínio foi convidado a assumir a direção do jornal *O Legionário*, pequeno folheto, quando do início de sua publicação em 29 de maio de 1927 e órgão oficial dessa congregação (Maia, 1992). Levou para o quadro redatorial do jornal vários jovens que haviam se destacado no movimento mariano e que seriam, no futuro, especificamente em 1960, colaboradores na fundação da *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade*, a TFP (Zanotto, 2012). Entre eles,

estavam Fernando Furquim de Almeida, José Carlos Castilho de Andrade, José de Azevedo Santos, Adolpho Lindenberg, José Fernando de Camargo, José Gonzaga de Arruda, Paulo Barros de Ulhôa Cintra e dois jovens sacerdotes, Pe. Antônio de Castro Mayer e o Pe. Geraldo de Proença Sigaud (Caldeira, 2011). Sigaud e Mayer desempenharam papel central na organização do Coetus Internationalis Patrum, grupo que visava organizar a minoria conciliar contra as tendências mais liberalizantes no Concílio Vaticano II (Caldeira, 2011). O saudosista Mattei (1996) sugere que, em 1936, *O Legionário*, um jornal quinzenário com duas folhas, transformou-se em um semanário de oito folhas e em uma das vozes católicas mais influentes do Brasil: em 1937, mais de dezessete mil exemplares⁵ (Mattei, 1996).

Juntamente com as notícias referentes à Congregação Mariana de Santa Cecília, no jornal *O Legionário* apareciam também os principais inimigos e preocupações do grupo restaurador. De acordo com Lima (1984), os objetivos do jornal eram a luta para obtenção de favores do Estado para a Igreja, a articulação de intelectuais católicos, a vigilância sobre a produção cultural com o objetivo de identificar a “infiltração comunista”, preocupação com os bons costumes e a família (moral sexual judaico-cristã conservadora).

Plínio orientou o *O Legionário* “no sentido do combate ideológico que visa[va] uma conscientização e mobilização dos católicos, reagindo contra as investidas dos adversários na imprensa e nos demais meios de comunicação [...] a missão do Legionário não era a de ‘atrair os incréus’, e sim orientar a opinião dos que já eram católicos” (Lima, 1984, p. 52). Esta era a *questão magna* do órgão mariano, ou seja, “atingir as ‘classes cultas’ e ‘semi-cultas’ [...] [deveria ser o] principal objetivo da imprensa católica”.

5. Observe-se que, em 1937, a AIB lançou Plínio Salgado como candidato à eleição presidencial que deveria ocorrer em 1938. Mas, a eleição não se realizou em virtude do golpe do Estado Novo, no final de 1937, dado por Getúlio Vargas e seus apoiadores. Plínio Salgado sabia e apoiou as iniciativas. Uma das maiores fraudes políticas, antes da era das *fake news* transmitidas pelo aplicativo eletrônico WhatsApp, foi o Plano Cohen de tomada do poder, uma farsa atribuída aos comunistas e utilizada como pretexto para golpear a democracia. O documento fraudado era do então capitão Olímpio Mourão Filho, destacado dirigente integralista. Mas, Vargas decretou o fechamento da Ação Integralista Brasileira e todas as organizações partidárias do país, inclusive o Partido Comunista. Em 1938, dirigentes integralistas promoveram um levante armado no Rio de Janeiro para depor o Presidente Vargas, mas foram derrotados. Plínio Salgado, o líder, exilou-se em Portugal e retornou em 1945, com a redemocratização, e fundou o Partido de Representação Popular (PRP). Em 2018, os ecos desse fascismo e das teses integralistas chegarão ao poder, por meio de eleições democráticas, com o capitão expulso do exército, e reformado, Jair Bolsonaro. Sobre a AIB, cf. CPDOC/FGV. *Anos de Incerteza (1930-1937)*.

Hoje, os meios de comunicação eletrônicos se tornaram a nova trincheira desse catolicismo reacionário, nostálgico de uma ordem idealizada e que sonha em colocar o futuro da sociedade brasileira como realização, paradoxal, de um passado idealizado e amarrado ao projeto tendente a tradicionalizar católicos praticantes, procurando convencê-los da verdade e da autenticidade de uma determinada forma e estilo de viver o catolicismo (Silveira, 2015). Talvez, isso já seja mais um adendo no campo da pluralidade interna do catolicismo, uma voz ruidosa, mas dependente dos meios eletrônicos para ser ouvida, vista, comentada e consumida, dentro e fora da Igreja Católica (Silveira, 2015).

O papel da imprensa no jogo do poder era visto pelo *O Legionário* como “fundamental no mundo moderno” (Lima, 1984, p. 60). Plínio, nos seus vários textos publicados no órgão, além de demonstrar uma grande preocupação com a imprensa e creditar ao *O Legionário* a tarefa primeira de fornecer aos católicos os fundamentos doutrinários para que andassem no *reto* caminho da Igreja de Roma, apontava com nostalgia para o tempo em que os princípios católicos eram hegemônicos (Zanotto, 2012).

Plínio e seu grupo acusavam o progressismo católico⁶ como a [suposta] ameaça que corroía a autoridade da Igreja (Oliveira, 1943; 1959; 1982). A apreensão com os movimentos que procuravam estabelecer uma ponte entre a Igreja Católica e a Modernidade tornaram-se, desse modo, a preocupação [e profundo pavor] central do grupo do *O Legionário*. O exemplo sobre a compreensão do grupo sobre a renovação litúrgica nos meados dos anos 1940 refletia todo um ideário a respeito da Ação Católica – fundada no Brasil em 1935 – que Plínio havia desenvolvido e condensado em um de seus mais importantes livros, intitulado *Em defesa da Ação Católica*, de junho de 1943 (Oliveira, 1943).

Com a morte do arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, em 1943, que demonstrava preocupação com o radicalismo do movimento encabeçado por Plínio, contudo sem tomar nenhuma medida contra, foi empossado Dom Carlos Vasconcelos Motta. O novo arcebispo, cuja visão era contrária à defendida pelo O

6. Podemos dizer que o “progressismo católico” designa aquele grupo de católicos, que, ao contrário dos ultramontanos, deseja um diálogo mais profundo entre a instituição católica e os valores modernos, deixando-se, inclusive, ser permeado por eles.

Legionário, propôs um *armistício* diante do conflito gerado nos meios católicos desde meados da década de 1930. Além da diminuição do espaço em que o *O Legionário* chegava às dioceses, Plínio perdeu o cargo de Presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica. Os colaboradores do movimento foram removidos ou perderam influência (Zanotto; Caldeira, 2014). Os vários redatores do jornal perderam seus cargos e, em dezembro de 1947, cessou a colaboração do grupo que seguia Plínio no *O Legionário*. Plínio e seu grupo foram relegados, mas, passaram a se reunir numa pequena casa no bairro de Santa Cecília, buscando se reorganizar (Zanotto, 2012).

Em janeiro de 1947, o grupo recebeu notícias que acreditavam ser um sinal da providência divina: Pe. Sigaud foi sagrado bispo de Jacarezinho, Paraná,⁷ por Pio XII (Caldeira, 2005). No ano seguinte, Mons. Mayer foi nomeado bispo coadjutor de Campos, Rio de Janeiro. Em 1951, D. Mayer fundou o mensário (jornal mensal) *Catolicismo*, que, com uma linha editorial semelhante à do *O Legionário*, passou a ser o ninho ideológico das ideias de Plínio e seguidores (Zanotto, 2012).

Em 1959, o jornal *Catolicismo* publicou, em sua edição de número 100 e em primeira mão, o ensaio de Plínio Corrêa intitulado *Revolução e contra-revolução*, obra que marcou o profundo veio reacionário do catolicismo brasileiro. Nessa obra, viram-se reunidos os traços essenciais do ideário ultraconservador. O crescente número de adeptos das ideias defendidas no *Catolicismo* por todo o Brasil levaram à possibilidade de instituir uma associação que organizasse de forma mais eficaz a atuação do grupo (Zanotto; Caldeira, 2014).

1.3 A Formação da TFP: *Tradição, Família e Propriedade*

Em 1960 inicia-se uma nova fase com a fundação da *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade*, a TFP (Zanotto, 2012). A TFP recebeu influência de uma parte da hierarquia católica e do catolicismo ultramontano, formado entre o século XIX e a primeira metade do século XX.

7. O Brasil é uma República Federativa, formada por 26 estados e pelo Distrito Federal, onde está situada a capital do país, Brasília. Desses 26 Estados, 17 são litorâneos e 9 são interioranos, e estão divididos em municípios, que têm como sede a cidade, e os municípios estão divididos em distritos, que têm como sede as vilas. O território brasileiro possui uma área de 8.514.876 Km², que compreende quase a metade do Continente sul-americano.

Durante as décadas de 1960 e 1980, o ideal da TFP encarna o de Plínio, que, a partir de um referencial católico ultramontano, carregado de perspectivas conspiratórias, visava defender valores considerados ameaçados, especialmente pelo “comunismo internacional”, em especial a noção de ateísmo dos regimes comunistas reais (União Soviética, Cuba e China). O retorno desses ideais anticomunistas em amplos setores religiosos e conservadores, em especial com a ascensão dos governos de esquerda (2002-2016), mais especificamente a partir de 2014, mesmo após a queda do Muro de Berlim, re-estabeleceu uma paranoia socialmente compartilhada. Um veio que foi ocultado na vida política e religiosa brasileira emergiu com força nas redes (in)sociais, nas ruas e nas batalhas campais travadas nos legislativos, museus, cinemas, templos católicos: a extrema-direita e o “fascismo católico”. Um quixotismo de ultradireita, que luta contra moinhos de vento, irreais, arrebatou e têm levado ao êxtase, sacerdotes e leigos católicos. Em sentido psicanalítico, um gozo frenético e narcisista com os próprios sintomas paranoides leva esses grupos a uma forte desconexão com as contemporâneas realidades culturais, religiosas, sociais, políticas e científicas (plurais, diversas, complexas e contraditórias). Um adendo é fundamental para articular a longa duração histórica de ideias que atravessam tempos e se reenarnam, embora relidas, ressignificadas e com recepção e repercussão diferentes dos momentos iniciais de seu nascimento.

O Pe. João Batista Prado Ferraz Costa, da capela Santa Maria das Vitórias, que celebra missas no rito romano tradicional, em Anápolis, escreveu um texto, em agosto de 2018, intitulado, “Charles Maurras e Jair Bolsonaro” (Costa, 2018). Nesse texto, recupera-se um intelectual monarquista e seu movimento anti-modernista e anti-democrático, condenados oficialmente pelo Vaticano (Cazetta, 2012). Costa (2018) afirma:

[...] o que assistimos hoje é a uma guerra que foi profetizada há mais de um século por um grande pensador francês, Charles Maurras, que disse em *L'Avenir de l'intelligence* (1905) que no futuro os intelectuais prostituiriam suas inteligências para a plutocracia [...]. Com ele [Bolsonaro] na Presidência da República teremos a garantia de que o direito da família cristã educar os seus filhos segundo a Lei de Deus será respeitado. O “Estado Democrático de Direito”, ou melhor, a democracia totalitária não invadirá arbitrariamente o santuário da família, como diz Leão XIII na *Rerum Novarum*, para, em nome dos princípios revolucionários da ONU, impor à nossas crianças a sórdida ideologia

do gênero nem a masculinização das nossas mocinhas nem a efeminização dos nossos rapazes.⁸

Há uma linha de continuidade entre os antigos e novos movimentos reacionários católicos, a difusão de um pensamento reacionário-fascista no senso-comum de parte da sociedade brasileira: Plínio Salgado relê Charles Maurras e propõe um lema “Jesus antes de tudo” (GAMA, 2018). Percebe-se uma coincidência entre essas ideias e lema e o leitmotiv da campanha presidencial de 2018, empunhado pelo candidato extrema-direita vencedor (“Deus acima de tudo”).

Há uma impressionante similaridade entre essas noções – que distorcem as ideias de democracia representativa, do Estado de direito, da *Rerum Novarum*, dos estudos de gênero – e o ideal reacionário que nasceu e foi acalantado nos grupos reacionários liderados por Plínio e seguidores: combate, guerra, nostalgia da ordem, moral idealizada, reacionarismo em procissão no espaço público e estatal do Brasil, estado republicano laico.

Retornando ao tema, o que caracterizaria a TFP seriam seus novos “métodos de apostolado”, ou seja, o recrutamento de novos adeptos. Com o intuito de se fazer ouvir no cenário público, Plínio concebeu grandes campanhas, “nas quais os jovens da TFP, através do uso de megafones, faixas e slogans e músicas, atraíssem a atenção das pessoas nas ruas (Mattei, 1996, p. 210). Também concebeu “caravanas”, formadas por grupos de jovens em viagem, que percorriam todo o país, espalhando sua mensagem. Os meios de comunicação eram entendidos pelo grupo como que tomados pelos simpatizantes do comunismo, por isso, o uso das “caravanas”: o grupo desejava contato direto com as pessoas. Paralelamente, Plínio escrevia em jornais brasileiros, especialmente na *Folha de São Paulo*, um dos mais importantes do Brasil (Mattei, 1996).

A TFP também promoveu de maneira regular as *Semanas de Formação Anticomunista* (SEFAC), que objetivavam apresentar a doutrina católica sobre o comunismo (Zanotto, 2004). Ao lado das atividades propagandistas de aspecto amplo, desenvolveu-se também uma atividade [apostolado] mais de base, difundindo os valores contrarrevolucionários

8. O padre Costa lidera uma das comunidades eclesiais que recebeu permissão especial para celebrar a missa no rito tridentino (Ribeiro, 2019). Essa região de Goiás, junto com extensas faixas de Mato Grosso e interior de São Paulo, também é conhecida por abrigar organizações e associações católicas ativamente antiaborto.

nos ambientes familiares cristãos. A ideia de inimigo interno era bastante presente no ideário de Plínio e da TFP, ideia que foi reforçada com a Doutrina de Segurança Nacional, imposta pela Ditadura Militar [1964-1985]. Desde meados da década de 1930, Plínio se posicionara cada vez mais de forma crítica a certa hierarquia católica, sobretudo aquela que viria a representar uma forma de catolicismo social e progressista, encabeçada por Dom Helder Câmara, e seus desdobramentos teológicos posteriores, que levaram à formação do chamado “cristianismo da libertação” (Löwy, 2000). Assim sendo, a TFP desfechou inúmeras campanhas contra essa teologia e seus representantes entre os anos 1960 e 1970.⁹ As CEBs (Comunidades Eclesiais de Base),¹⁰ expressão mais palpável dessa teologia, foram um alvo recorrente da TFP (Zanotto, 2012).

A atuação do grupo também se deu no combate à “reforma agrária” como proposta pelo então governador de São Paulo, Carvalho Pinto, ecoando as ideias trabalhistas, uma versão brasileira da socialdemocracia, que atingiu o auge com a chegada de João Goulart (católico e grande estancieiro) à presidência da República, retirado por um golpe cívico-militar, que mobilizou amplos setores das classes alta e urbanas, banqueiros, industriais e militares do exército. A TFP publicou um manifesto na primeira página dos mais importantes jornais do Brasil anunciando a publicação da obra “Reforma agrária, questão de consciência” (Zanotto, 2014; Caldeira, 2005). O livro entendia que estava em andamento uma “revolução agrária confiscatória” no país e, se a reforma se desse da forma proposta, o país caminharia inevitavelmente para um Estado comunista. A ideologia reacionária da TFP, continuada nas décadas

9. Em julho de 1968 a TFP recolheu mais de um milhão e meio de assinaturas “contra a infiltração comunista na Igreja”, que, enviadas ao Vaticano, não obtiveram nenhuma resposta oficial. Em janeiro de 1969, por ocasião do pronunciamento de D. Helder Câmara em Harvard, que defendia a admissão da China na ONU e a integração de Cuba no sistema latino-americano, artigos de jornais foram escritos contra os posicionamentos do bispo, intitulando-o de “o arcebispo vermelho” (Mattei, 1996, 226-227). A ideia de infiltração retorna, novamente, ressurgiu como paranoia coletivo-eletrônica na esteira do retorno dos grupos de direita às ruas e ao poder. (Almeida; Toniol, 2018).

10. As comunidades eclesiais de base (CEBs) surgiram a partir de uma nova leitura teológica da realidade de pobreza, violência e desigualdade social vivida na América Latina, em especial no Brasil (nas regiões rurais e periféricas, nas regiões mais empobrecidas, como a Amazônia). Essa leitura teológica foi chamada de Teologia da Libertação e teve como expoentes os teólogos Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff. É uma teologia complexa, que articula uma perspectiva hermenêutica realista, inspirada pela crítica marxista ao capitalismo. As CEBs surgiram em fins dos anos 1960, corroboradas por grandes conferências como Medellín e Puebla e atingiram o auge entre 1970 e 1985. Nessa época, chegaram a dezenas de milhares, espalhadas pelo Brasil. Essas comunidades consistiam em grupos de leigos, apoiados por religiosos e sacerdotes, que se reuniam para fazer a leitura da Bíblia em articulação com a realidade política e social de desigualdade e miséria (Gutiérrez, 1979; Boff, 1981, 1998; Betto, 1985).

seguintes, criava uma fantasia, o comunismo, que não encontrava sustentação na realidade sócio-política brasileira. Havia muita confusão entre os postulados da socialdemocracia e do trabalhismo e os postulados de uma das vertentes do comunismo, o stalinismo (autoritário), aquela que vingou na Revolução de 1917, após intensa disputa com correntes democráticas socialistas e anarquistas. Todavia, essa confusão, que foi ressignificada, reassumiu importante papel nos anos recentes, circunscrevendo um inimigo político imaginário, capaz de justificar o autoritarismo reacionarista que não só permaneceu no catolicismo, como reemergiu com força a partir da eleição do Papa Francisco, que vive sendo atacado por grupos ultraconservadores na Europa, nos EUA e na América Latina.

As perspectivas religiosas e políticas que embalavam a TFP terão um papel de destaque na conjuntura que levará o país ao golpe civil-militar de 1964. O imaginário da TFP – assinalado especialmente pela ideia do inimigo interno, na Igreja e no Estado brasileiro – terá papel de destaque em grande parte dos brasileiros, que entenderão o comunismo como uma ameaça real, posicionando-se, assim, favoravelmente aos militares. Além dessa perspectiva ultramontana, somada por um forte ideal anticomunista, é mister apontar brevemente para certa “mística tefepista” (Zanotto, 2012). Assinalada por forte devoção mariana, particularmente àquela de Fátima e suas mensagens,¹¹ Plínio entendia-se como um profeta encarregado pela providência divina de uma missão particular. Sendo assim, seus seguidores deveriam ter por ele profunda reverência (Zanoto, 2004).

Segundo egresso da TFP, o auge dessa atitude seria quando o tefepista dissesse: “Não sou eu quem vivo, mas Plínio que vive em mim” (Folena *apud* Zanotto, 2012, p. 233). Plínio compreendia-se, e era compreendido, como o “profeta” de uma nova cristandade, no futuro Reino de Maria a ser instituído. Pode-se dizer que tal mística assumia elementos escatológicos e, inclusive, milenaristas, já que a missão de Plínio era a de anunciar o triunfo da contrarrevolução por ele providencialmente liderada [...] que, após uma intensa batalha com as forças do mal [...], será finalmente vitoriosa, concretizando então a salvação eterna com a elevação da

11. Segundo a tradição, Nossa Senhora teria se manifestado em 1917, na cidade de Fátima, em Portugal, para três crianças, transmitindo a elas três segredos, que foram revelados parcialmente no século XX. Um dos segredos dizia sobre a expansão comunista pelo mundo e a perseguição aos cristãos.

natureza dos “eleitos” e a condenação do ímpios, bem como instaurando uma nova era sacral: o Reino de Maria (Zanotto, 2012, p. 250).

A partir desse cenário conservador de direita, com retoques místicos, desenham-se as novas facetas do tradicionalismo católico brasileiro contemporâneo (Portella, 2013; 2013a). Como afirma Portella, há relação entre estruturas de identidade e segurança na sociedade plural e a adesão a um cenário católico de feição mais exclusivista ou conservadora. É preciso “se questionar se o passado recuperado – e nunca recuperado de fato – não é um sentimento de nostalgia que se expressa por meio de relíquias, relíquias estas também re-significadas em moldes contemporâneos modernos ou pós-modernos” (Portella, 2013, p. 10).

2. Novas facetas do tradicionalismo católico brasileiro contemporâneo

Há, no espectro conservador, todavia, duas polaridades: a dos tradicionalistas, que, baseados em uma concepção reacionária, recusam o Concílio Vaticano II e a autoridade dos papas depois de João XXIII, formando grupos cismáticos, em especial após 1988, como o liderado por monsenhor Marcel Lefebvre; e a dos conservadores que reconhecem o Concílio Vaticano II, embora procurem mitigar seus documentos e as posições católicas voltados para questões sociais e promover questões doutrinárias da família e da sexualidade (vistas de forma moralista) (Zanotto, Caldeira, 2014).

A extrema direita católica brasileira encontrou novas formas de associação e reprodução. Essas formas têm como base as organizações tradicionais, algumas surgidas de cisões internas que atingiram organizações como a TFP e seus membros. Contudo, a força do imaginário conservador católico permaneceu como um polo de atração de novos associados. À medida que o catolicismo foi decaindo como força social e como religião, esses grupos adquiriram novas formas de atuação e visibilidade, inclusive nas redes sociais eletrônicas. Duas associações emergiram diretamente de conflitos internos da TFP: a Associação Cultural Montfort e os Arautos do Evangelho, ambas fundadas por ex-membros que, em linhas gerais, discordavam do culto místico em torno do fundador, Plínio Correia de Oliveira e da forma de administração do grupo por ele fundado.

Um professor de história, Orlando Fedeli, e um sacerdote, João Scognamiglio Clá Dias, feito monsenhor nos anos 2000 pelo Papa João

Paulo II, são os fundadores dessas duas organizações. Elas estão baseadas no Estado de São Paulo e sua capital do mesmo nome, com 13 milhões de habitantes, e desenvolvem atividades em todo o Brasil, em especial nas redes eletrônicas).

Em princípios dos anos 2000, a TFP ficou muito enfraquecida: membros impedidos por decisão judicial de usar o nome “Tradição, Família e Propriedade”; privados de muitos de seus seguidores mais jovens por uma cisão ocorrida logo após a morte do fundador da organização, Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995); derrotados por grupos dissidentes em disputas semelhantes em pelo menos 7 dos 16 países em que a TFP tinha representantes à época da morte do fundador. Assim, os processos de cisão e disputa judicial passaram a acontecer, nos anos 1990, em outros países onde atuava a TFP (Canadá, Colômbia, Equador, Bolívia, Argentina, Uruguai e Espanha) (Zanotto, 2012).

2.1 Arautos do Evangelho

No Brasil, uma disputa judicial começou em 1997, culminando com a vitória de um grupo dissidente, liderado por monsenhor João Scognamiglio Clá Dias. Este clérigo exigiu na Justiça o direito de que as decisões da organização não fossem tomadas apenas pelo pequeno grupo de, então, oito sócios-fundadores remanescentes da TFP (Zanotto, 2012). Clá Dias e seus seguidores foram acusados pelos sócios-fundadores de dar um “golpe” na TFP, tomado o controle da entidade e abandonando a militância política radical do direito à propriedade privada e o combate a movimentos sociais de esquerda. Os bens (imóveis e propriedades) e as finanças da antiga TFP, bastante prolíficos, passaram, em sua maior parte, às mãos da nova associação, os Arautos do Evangelho.

Mais tarde, em 2001, os membros da Associação Arautos do Evangelho estavam presentes na Sala Paulo VI: João Paulo II reconhecia e interpretava como sendo de Direito Pontifício a Associação Internacional de Fiéis, Arautos do Evangelho. Era a primeira aprovação Pontifícia do milênio, outras mais viriam.¹² Um dos cardeais, Jorge Maria Mejía, presente à cerimônia, teria dito dos Arautos do Evangelho: “o braço do Papa”.¹³ Alguns diriam que é um braço direito para lutar contra a modernidade

12. ARAUTOS DO EVANGELHO. *22 de fevereiro*.

13. *Idem*.

e as profundas mudanças sociais e culturais que vieram atreladas à mesma. Entre 2004 e 2006, os sócios-fundadores e seus seguidores acabaram saindo da antiga associação e passaram a se denominar “Associação dos Fundadores da TFP”. Em 2008, nova decisão proibiu o uso da sigla TFP pelos fundadores. Eles então passaram a se denominar apenas “Associação dos Fundadores”. De fato, a emergência dessa nova associação significou o silenciamento das campanhas políticas de direita e investiram forças na defesa da moral sexual conservadora, na devoção mariana e em seu crescimento e fortalecimento internos, organizando casas, arregimentando novos membros, aproximando-se de bispos e padres conservadores, entre outras práticas comuns.

Os Arautos, seguidores de João Clá Dias, estão presentes em mais de 78 países; cresceram, expandiram-se e especializam suas atividades com a criação de duas organizações ligadas a eles. Em 2006, sob o pontificado de Bento XVI, foram criadas duas sociedades de Direito Pontifício. A sociedade Virgo Flos Carmeli,¹⁴ dedicada à formação de sacerdotes, que, segundo dados da associação, já passa de uma centena, e a Sociedade de Vida Apostólica de Regina Virginum,¹⁵ voltada para mulheres de vida consagrada.

A sociedade voltada à formação de sacerdotes possui três igrejas dedicadas a essa atividade: no Brasil há a igreja Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras, São Paulo; na Itália há a igreja San Benedetto in Piscinula, em Roma, e, no Peru, há a igreja Nuestra Señora de la Encarnación, em Lima. A sociedade feminina possui uma casa central, Casa Monte Carmelo, também na cidade de Caieiras. Além delas, a Casa Cenáculo (em Tremembé, São Paulo), a Casa Santa Teresa (em Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro), a Casa Santa Joana d’Arc (em Campos, Rio de Janeiro) e a Casa Regina Virginum (na Guatemala).

A aprovação pontifícia foi concedida às mesmas pelo Papa Bento XVI em audiência ocorrida em abril de 2009, conduzida pelo Cardeal D. Franc Rodé, então prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. O papel desses cardeais era mediar a relação entre os grupos tradicionalistas e a aprovação papal, obtendo o reconhecimento e a autorização.

14. VIRGO FLOS CARMELI. *Aprovação Pontifícia da Sociedade Virgo Flos Carmeli*.

15. Conferir: <<https://www.arautos.org/reginavirginum>>. Acesso em: 21 out. 2019.

Entre as atividades dessas duas sociedades está o atendimento de confissões em uma paróquia da cidade de São Paulo, assistência religiosa em hospitais, a confecção de livros (possuem uma editora, a *Lumen Sapientiae*) e da revista *Arautos do Evangelho*.¹⁶ Além dessas sociedades, foram criados o Instituto Teológico São Tomás de Aquino – ITTA – e o Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista – IFAT –, propriedades da Sociedade Clerical de Vida Apostólica de Direito Pontifício Virgo Flos Carmeli, dedicadas à formação de alunos em teologia e filosofia, tornando-se a casa formadora dos futuros sacerdotes e das irmãs de vida consagrada.¹⁷

Alguns dizem que o incômodo da hierarquia da Igreja com manifestações de Plínio Corrêa de Oliveira desde os anos 1970 levou ao apoio de bispos e do papa João Paulo II e Bento XVI ao grupo liderado por João Clá Dias. A antiga TFP, além de uma direção ultratradicionalista, próximo aos grupos cismáticos, desenvolveu um culto místico ao fundador que o via como um novo profeta e um escolhido divino. Os Arautos do Evangelho propagam sua simpatia por orações em latim, pela revalorização da adoração tradicional ao Santíssimo, pela defesa de que a Comunhão seja recebida na boca e de joelhos, entre outros aspectos disciplinares.

Dependendo das perspectivas de compreensão, podem ser sinais de tradicionalismo, conservadorismo, reacionarismo ou antimodernismo. A difusão dos Arautos do Evangelho tem grande alcance, sendo apoiada por muitos bispos brasileiros que a ela delegam igrejas e espaços para que sejam administrados e utilizados.¹⁸

Os Arautos do Evangelho são extremamente organizados e disciplinados, investem nas mídias sociais, possuindo um canal de TV *online* (Youtube) e perfil oficial no Facebook. Esse conjunto de ações e investimentos é denominado de Arautos Mídia.¹⁹ Os Arautos trabalham com afinco em sua reprodução social, ou seja, no recrutamento de membros, inclusive na formação de sacerdotes extremamente ligados aos valores do grupo. Possuem seminários como: o Seminário São Tomás de Aquino, em uma pequena cidade do Estado de São Paulo (Brasil) e o Seminário Santiago, na cidade de Tocancipá/Cundinamarca, na Colômbia.

16. VIRGO FLOS CARMELI. *Atividades*.

17. ID. *Histórico e atualidade do IFAT e do ITTA*.

18. Endereços das casas e outros: <<https://www.arautos.org/>>. Acesso em: 21 out. 2019.

19. Fonte: <<https://www.arautos.org/>>. Acesso em: 21 out. 2019.

Isso demonstra uma nova faceta do conservadorismo católico que vem despontando: o investimento organizado, sistemático e racional, com auxílio de profissionais ligados às comunicações e ao marketing, nas mídias antigas e novas (redes sociais eletrônicas). Junto a isso, adotam uma indumentária usada pelos leigos, sacerdotes e mulheres de vida consagrada. Entre os itens dessa indumentária estão botas, rosário, capas e vestimentas de cor marrom, vermelha e roxa, com uma cruz estilizada, lembrando os símbolos das Cruzadas Medievais.

O forte controle do corpo, da sexualidade, do desejo, e suas represões, a insistência em rituais ascético-sexuais, exorcismos estranhos, dentre muitas atividades religiosas, trouxeram polêmicas e questões espinhosas. Os Arautos estão sob investigação pela Santa Sé desde 2017 e, em 2019, o Papa Francisco nomeou um “interventor”, o Cardeal Raymundo Damasceno Assis, arcebispo emérito de Aparecida,²⁰ que revisará a estrutura, as práticas, a administração, os rituais, a seleção de vocacionados e vocacionadas e a vida religiosa. Todavia, o movimento indicou uma rejeição do enviado da Santa Sé e o conflito deverá se aprofundar. O presidente dos Arautos, Felipe Lecaros, soltou um comunicado, em 19 de outubro, e rejeitou o decreto “interventor” da Santa Sé e o Cardeal Damasceno Assis.²¹ Por fim, há um interessante blog eletrônico que reúne narrativas, vídeo-depoimentos – muitos de crítica e denúncia de ex-arautos e familiares, notícias sobre a organização ultracatólica, em quatro línguas: português, espanhol, italiano e francês e inglês.²²

2.2 *A Associação Cultural Montfort*

Antigo membro da TFP, Orlando Fedeli, professor de história, funda, em 1983, uma associação de leigos católicos com base na cidade de São Paulo, chamada Associação Cultural Montfort. Segundo declaração de princípios formulados por eles “o grupo considera-se ligado às orientações de Dom Antonio de Castro Mayer (excomungado pelo Papa João

20. G1. *Papa nomeia Cardeal Damasceno como interventor para o Arautos do Evangelho, grupo tradicionalista católico*. Com a polêmica em efervescência, novas denúncias de abuso sexual surgiram e o Ministério Público passou a investigar o grupo ultrarreacionário. Cf. ÁGAPE, D; PINHEIRO, M. *Arautos do Evangelho*.

21. A notícia foi replicada amplamente pela imprensa, inclusive por jornais de editoria econômica. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/arautos-do-evangelho-recusam-intervencao-do-papa/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

22. Disponível em: <<https://exae.com.br/sobre/>>. Acesso em: 11 de nov. 2019.

Paulo II, junto com o bispo Lefrève), assumindo a defesa do rito Tridentino”.²³ A razão de ser, apontada pelos documentos produzidos na associação, todos disponíveis no portal eletrônico,²⁴ é a defesa da Igreja Católica e de seus ensinamentos, em particular contra os “modernismos” difundidos a partir do Concílio Vaticano II.

A escolha do nome, segundo esta associação, deve-se a uma homenagem a dois personagens europeus, um santo e outro, um líder franco-normando: São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716), defensor da devoção mariana, e Simão de Montfort (1160/1165 (?) -1218), que liderou uma violenta cruzada contra a seita cátara no sul da França.

Entre suas principais atividades está a realização de palestras, congressos, reuniões semanais na sede, localizada na cidade de São Paulo, e através do portal eletrônico que mantém-se atualizado mesmo depois da morte do fundador, ocorrida em 2010. Com a morte do fundador, a direção passou às mãos de sua mulher, assessorada por dirigentes eleitos entre os associados, que chegam aos milhares espalhados pelo Brasil. Os membros recrutados pela Associação Montfort, têm origem em mais diversos meios, em especial os meios universitários e estudantis.

Talvez, uma das atividades mais conhecidas e públicas dessa associação, seja a celebração de missas em latim. Segundo documento da associação, acessível por via eletrônica:

A partir de então passamos a nos dedicar a difundir a Missa Gregoriana por todo o Brasil colaborando com todos aqueles que desejassem a Missa neste rito. Esta colaboração se estende a muitas atividades dentre as quais destacamos o ensino de latim, do gregoriano, confecção de livretos para acompanhamento da missa, aulas sobre o rito tridentino, obtenção de paramentos e do material litúrgico para os padres, conscientização dos padres sobre a importância de atender aos pedidos dos fiéis, organização de visitas de padres que já celebram o rito extraordinário para aqueles que desejam aprender este rito, etc. Nosso trabalho acabou por sensibilizar muitos clérigos e atingiu praticamente todas as principais capitais do Brasil e várias cidades do Interior do Estado de São Paulo. Hoje podemos constatar que, colaboramos para a realização da maioria das Missas celebradas no rito Tridentino.²⁵

23. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/imprensa/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

24. O *website* da Associação Cultural Montfort está disponível em: <<http://www.montfort.org.br/>>. Acesso em: 24 out. 2019.

25. Conferir em: <<http://www.montfort.org.br:84/quem-somos/>>. Acesso em: 21 out. 2019.

O método de divulgação deles é chamado de apologético e consiste na exposição da doutrina católica (em franca divergência com o Concílio Vaticano II), através da repetição do ensinamento de Tomás de Aquino e algumas encíclicas e outros documentos papais, notadamente aqueles que procuravam combater os modernismos. Mas, apesar de defensores da missa em latim e outros aspectos tradicionalistas acima apontados, seus membros recorrem aos documentos do Concílio Vaticano II para defenderem-se de críticas e ataques:

As ideias expressas neste site são de responsabilidade exclusiva de seus autores, os quais são, como todos os membros da Associação Cultural Montfort, leigos católicos. Nessa condição, os colaboradores deste site jamais têm qualquer pretensão de falar em nome da Santa Igreja, mas apenas procuram defendê-la e difundir o que Ela sempre ensinou, de forma fiel e submissa ao Magistério eclesiástico. Os católicos leigos que escrevem nesse site, exercem um dever e um direito, como, aliás, foi reconhecido até mesmo, mais recentemente, pelo Concílio Vaticano II – que citamos como argumento *ad hominem* –, ao expor os deveres e direitos do laicato, dizendo: “A todos os leigos, portanto, incumbe o preclaro ônus de trabalhar para que o plano divino da salvação atinja sempre mais a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares da terra. Consequentemente, sejam-lhes dadas amplas oportunidades para que também eles participem ativamente na obra salvífica da Igreja, de acordo com suas forças e as necessidades dos tempos (Vaticano II, *Lumen Gentium*, nº 83).²⁶

Por fim, segundo o discurso da associação, casais membros são estimulados a ter uma família grande, ou seja, muitos filhos. Posteriormente, alguns desses filhos são dedicados por seus pais à vida sacerdotal.²⁷

Dentre outros pontos, em comum com os Arautos, além da “defesa” da fé cristã tradicional, com sua moralidade heteronormativa e patriarcal, está a valorização de música e arte, com a organização de corais e bandas, ao estilo clássico. Todavia, a questão de gênero, de sexualidade, da homossexualidade, de reprodução, do feminismo e suas correntes continua sendo extremamente complexo para a Igreja e motivo de guerra cultural para esses grupos, encastelados em uma atitude beligerante e refratária ao diálogo fraternal e sincero com o mundo e suas dimensões

26. Carta no link: <<http://www.montfort.org.br:84/nota-de-esclarecimento/>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

27. Fonte: <<http://www.montfort.org.br:84/quem-somos/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

amplas (economia, política, ecologia, ciência, sexualidade), conforme proposto desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) e reafirmado pelo Papa Francisco.

Um forte ponto de convergência desses grupos ultraconservadores é a liturgia romana tridentina e a ideia de combate moral, a partir do qual militam contra o aborto e a “ideologia de gênero” e a favor do “escola sem partido”, decorrentes de leituras equivocadas dos estudos de gênero e sexualidade, desenvolvidos nos mais variados campos (psiquiatria, psicologia, antropologia, sociologia, filosofia, teologias não-conservadoras), da liberdade pedagógica de cátedra, garantida na Constituição Brasileira (1988), e dos processos pedagógicos da educação formal e escolar.²⁸

Considerações Finais

Em todos esses grupos, observam-se as expressões de um tradicionalismo católico que se manteve na comunhão com Roma, tendo como seus principais nomes Plínio Corrêa de Oliveira, fundador da Associação para a Defesa da Tradição, Família e Propriedade (a TFP), Orlando Fedeli, egresso da TFP e que constitui a Associação Cultural Montfort, Clá Dias, também egresso da TFP e fundador dos Arautos do Evangelho. De fato, estes grupos, adversários entre si, devido aos desentendimentos de seus fundadores e dos métodos de administração, mesmo afirmando-se como em estrita obediência a Roma, deixam transparecer críticas contínuas ao Vaticano II em alguns de seus aspectos. Uns mais, como a Montfort, outros menos, como os Arautos.

Apesar das divergências, nota-se que a maioria desses grupos possui uma atuação para dentro e para fora do catolicismo. A estratégia tem sido a de criar associações civis e religiosas, reconhecidas pelo poder papal/diocesano e pelo poder público/estatal: burla-se, assim, por um lado, o controle eclesial e, por outro, amplia-se a capacidade de ação no espaço público, midiático e estatal. Um pé no século, um pé no redil santo e imaculado, garantindo coesão interna, reprodução social e sobrevivência simbólica e, simultaneamente, presença na sociedade mais ampla.

A tradição restaurada, que esses grupos desejam, foi definida como grande conjunto de ideias, grupos, valores e atitudes, em sua maioria, restauracionistas (volta para grande disciplina, missa em latim, centra-

28. Algumas referências: Borges (2019) e Luna e Owsiany (2019).

lismo clerical, rigor doutrinário anterior ao Vaticano II), opondo-se a outro conjunto de valores e atitudes postos sob suspeita de heresia. Sentindo-se ameaçado por forças heterodoxas, esse conjunto religioso esforça-se em restaurar um sentido de ortodoxia, no campo moral, no campo religioso-litúrgico e no campo institucional, marcado por determinadas referências históricas, em geral, associadas ao Concílio de Trento (1545-1563). Ao longo da história, essa corrente se organizou de muitas formas, com diversos movimentos, tais como a TFP – Tradição, Família e Propriedade –, Arautos do Evangelho, Opus Dei e outras, possuindo presença anterior e posterior ao Concílio Vaticano II. Uma das narrativas míticas de origem é a Igreja, hierárquica e latino-romana, entendida como fato natural que se sucede à Paixão de Jesus Cristo.

Em outras palavras, a Igreja nasce *aeternum et semper*. Como símbolo dessa corrente, remeto ao báculo episcopal, um importante objeto litúrgico-ritual que expressa o poder espiritual-dogmático-ortodoxo no imaginário integrista-conservador.

Por outro lado, a re-emergência de grupos organizados como os evangélicos e alguns setores católicos, antigos e novos, indica possivelmente, a consolidação de um embate cada vez mais claro entre tradição e modernidade, entre forças que defendem, por exemplo, a união civil de pessoas do mesmo sexo, a descriminalização do aborto, a retirada de símbolos religiosos do espaço público e forças que combatem os “modernismos” culturais, sociais, sexuais e familiares. Todavia, o que mantém as organizações conservadoras e tradicionalistas católicas em torno de uma frente comum é a questão litúrgica, ou seja, a missa em latim. Em outras questões há fortes divergências.

A consolidação desses grupos deu-se nos papados de Karol Wojtyła e Joseph Ratzinger, sendo que a Cúria Vaticana se esmerou em criar soluções administrativo-litúrgicas para abrigar grupos de antigos dissidentes cismáticos. A estrutura dessas organizações é peculiar, algumas das quais ligadas diretamente ao Vaticano (associações privadas de fiéis). A política pastoral de inclusão teve como ponto alto o documento *Summorum Pontificum*, promulgado por Bento XVI, em 2007, autorizando a missa tridentina, sem a necessidade do consentimento do bispo, e equiparando-a a uma série de ritos litúrgicos especiais, reconhecidos como patrimônio da Igreja Católica (rito caldeu, rito maronita, rito melquita e outros).

Contudo, tanto os Arautos do Evangelho quanto a Associação Montfort estão próximos, no plano das semelhanças “ideológicas” ou culturais, dos grupos ultratradicionalistas, desligados da Igreja Católica, e opõem-se, em maior ou menor grau, ao Missal de Paulo VI (1969), negam a concepção conciliar sobre a questão da liberdade religiosa, tendo como principal apoio as encíclicas e documentos pontifícios do século XIX e início do XX, como o *Syllabus Errorum Modernorum* e as encíclicas *Mirari Vos Arbitramur* e *Quanta Cura* e defendem com fervor o primado do papa. Note-se que a possibilidade aberta pela autorização das missas em latim sem autorização do bispo tem sido utilizada por alguns grupos tradicionalistas como uma brecha a partir da qual atacam o Concílio Vaticano II, pedindo sua completa anulação (Faggioli, 2012).

Uma segunda característica notável desses grupos é o tom escatológico e persecutório, levando-os a se autocompreender como imbuídos de uma missão especial em defesa da Igreja Católica, interpretada como ameaçada pelo mundo circundante secularizado. A renúncia corajosa de Bento XVI e o papado de Francisco-Bergoglio trouxe grandes questionamentos a esses grupos, que têm reagido e insuflado oposição aberta e belicosa, acusando o atual Pontífice de heresia e desvio doutrinário.

As novas ênfases do Papa Francisco na pobreza, no amor, na misericórdia, no diálogo, com fortes críticas à economia de mercado, a ênfase nas ideias de ecologia integral e conversão ecológica, a ideia de misericórdia, igreja em saída, a compaixão por imigrantes, minorias (LGBTQIA+s), entre outros aspectos, têm criado um profundo mal-estar nesses segmentos católicos (Coelho, 2018). De forma organizada, esses grupos continuam a desenvolver intensas atividades, a insistir nas missas em latim – de rito tridentino –, a ampliar sua autorreprodução, a inserirem-se em redes sociais eletrônicas, a aliam-se a grupos religiosos evangélicos ultraconservadores e a grupos políticos de extrema-direita com a finalidade de restabelecer um passado extremamente idealizado e inexistente. Os reacionários católicos, em aliança com grupos evangélicos, pretendem influenciar os poderes públicos e estatais com a finalidade de estabelecer uma retro-utopia neocristã, vista como única estrutura legítima, universal e necessária de vida e organização moral e social, perante a qual todas as outras formas de visão de mundo, vida social, cultural, sexual e moral devem ser submetidas ou eliminadas, inclusive fisicamente, abrindo-se espaço para a prática de uma necropolítica (Mbembe, 2018).

Referências

- ÁGAPE, D; PINHEIRO, M. *Arautos do Evangelho*: MP investiga novas denúncias de abuso sexual. Metrôpoles. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/arautos-do-evangelho-mp-investiga-novas-denuncias-de-abuso-sexual>>. Acesso em: 24 out. 2019.
- ALMEIDA, R. de; TONIOL, R. (Org.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos*: análises conjunturais. São Paulo: UNICAMP, 2018.
- ARAUTOS DO EVANGELHO. 22 de fevereiro: há 13 anos atrás Beato João Paulo II aprovava e reconhecia os Arautos do Evangelho. 21 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.arautos.org/noticias/56354/22-de-fevereiro--ha-13-anos-atras-Beato-Joao-Paulo-II-aprovava-e-reconhecia-os-Arautos-do-Evangelho.html>>. Acesso em: 24 out. 2019.
- AZZI, R. A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, E. et al. *História da Igreja no Brasil*. t. 2. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 160-169.
- AZZI, R. *A neocristandade*: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994.
- ANTOINE, C. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- BEOZZO, J.O. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, B. (Org.). *História geral da civilização brasileira*. t. III. São Paulo: Difel, 1984.
- BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOFF, L. *Igreja, carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BOFF, L. *O Caminhar da Igreja com os oprimidos*: do vale de lágrimas à terra prometida. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BORGES, G. Episcopado católico versus 3º Programa Nacional de Direitos Humanos: Uma análise dos atuais discursos eclesiásticos sobre sexo e reprodução. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 31-48, ago. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872019000200031&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 out. 2019.
- CASANOVA, J. O problema da religião e as ansiedades da democracia secular europeia. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, p. 1-16,

dezembro, 2010. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv4_2010/t_casanova.htm>. Acesso em: 24 out. 2019

CALDEIRA, R.C. *O Influxo ultramontano no Brasil e o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas e De Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

CALDEIRA, R.C. *Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II*. Curitiba: CRV, 2011.

CAZETTA, F.A. Charles Maurras e o surgimento do integralismo lusitano. Teorias e apropriações doutrinárias. *Revista Cantareira*, edição 17, p. 20-56, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e17a3.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2019.

COELHO, A.S. Entre acusações e perplexidades: o anticapitalismo e o Papa Francisco. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 63-81, jan./jun. 2018. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/viewFile/6374/3693>>. Acesso em: 24 out. 2019

COSTA, J.B. de A.P.F. Charles Maurras e Jair Bolsonaro. Capela Santa Maria das Vitórias. Missa no rito romano tradicional em Anápolis. Anápolis: Associação Civil Santa Maria das Vitórias. Disponível em: <<http://santamariadasvitorias.org/charles-maurras-e-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 24 out. 2019.

CPDOC/FGV. *Anos de Incerteza (1930-1937) – Ação Integralista Brasileira*. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/AIB>>. Acesso em: 24 out. 2019.

FAGGIOLI, M. *True reform: Liturgy and ecclesiology in Sacrosanctum Concilium*. Collegeville: Pueblo Books, 2012.

G1. *Papa nomeia Cardeal Damasceno como interventor para o Arautos do Evangelho, grupo tradicionalista católico*. 28 set. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/09/28/papa-nomeia-cardeal-damasceno-como-interventor-para-o-arautos-do-evangelho-grupo-traditionalista-catolico.ghtml>>. Acesso em: 24 out. 2019.

GAMA, V. A. O leão e o sigma: a crítica de Plínio Corrêa de Oliveira ao movimento integralista. *Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpub: História e Parcerias*. Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529802144_ARQUIVO_integralismo.pdf> Acesso em: 04 nov. 2019.

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

LIMA, A.A. *O Cardeal Leme: um depoimento*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

LEVITSKY, S. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LIMA, L. de S. *Plínio Corrêa de Oliveira*. Um cruzado no século XX. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

LÖWY, M. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUNA, N.; OWSIANY, L. Aborto e luta por direitos humanos na ALERJ: religiosos e feministas em disputa. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 49-77, ago. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872019000200049&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 out. 2019.

MAIA, P. A. *História das congregações marianas no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1992.

MATTEI, R. de. *O cruzado do século XX: Plínio Corrêa de Oliveira*. Porto: Civilização, 1996.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. 2. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MISSA DE SÃO PIO V (A). *Texto da Bula Quo Primum Tempore*. Comentário histórico e canônico do Pe. Raymond Dulac. Niterói: Permanência, 2005.

MONTERO, P. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos – Cebrap*, São Paulo, n. 74, p. 47-65, 2006.

MOURA, O. *Ideias católicas no Brasil: direções do pensamento católico no Brasil no século XX*. São Paulo: Convívio, 1978.

PORTELLA, R. Saudades da civilização católica: integrismo, tradicionalismo e exclusivismo no catolicismo contemporâneo. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 5, n. 15, 2013. Disponível

em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/st2/3.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2019.

PORTELLA, R. Ser Católico é Ser Exclusivista? Reflexões e provocações sobre um fenômeno “Moderno”. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 18, n. 1, p. 257-270, 2013.

OLIVEIRA, P.C. de. *Em defesa da Ação Católica*. São Paulo: Ave Maria, 1943.

OLIVEIRA, P.C. de. Revolução e contra-revolução. *Revista Catolicismo*, São Paulo, n. 100, p. 2-12, março de 1959.

OLIVEIRA, P.C. de; SOLIMEO, G.; SOLIMEO, L. *As CEBs... das quais muito se fala, mas pouco se conhece*. A TFP as descreve como são. São Paulo: Vera Cruz, 1982.

RIBEIRO, M.V. da S. O catolicismo de rito tridentino em Anápolis (GO): a sobrevivência de uma religião tradicional. In: I SIMPÓSIO CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR). *I Simpósio nacional de estudos da religião da Universidade Estadual de Goiás*. Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2019. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/sner/article/view/13489>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

SALES, L.; MARIANO, R. Ativismo político de grupos religiosos e luta por direitos. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 9-27, agosto de 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872019000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 out. 2019.

SILVEIRA, E.J.S. da. Guerra cultural católica: política, espaços públicos e lideranças eclesiais. In: SILVEIRA, E.J.S. da; MORAES JR, M.R. de (Org.). *Religião, política e espaço público: discussões teóricas e investigações empíricas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 11-48.

SILVEIRA, E.J.S. da. Glossolalias, justiça social e báculos episcopais – narrativas míticas entre carismáticos, progressistas e conservadores. In: SILVEIRA, E.J.S. da; SAMPAIO, D.S. (Org.). *Narrativas míticas: análise das histórias que as religiões contam*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 25-70. v. 1.

VIRGO FLOS CARMELI. *Aprovação Pontifícia da Sociedade Virgo Flos Carmeli*. Disponível em: <www.virgofloscarmeli.org/page/artigo/25289>. Acesso em: 24 out. 2019.

VIRGO FLOS CARMELI. *Atividades*. Disponível em: <<http://www.virgofloscarmeli.org/page/artigo/27309/Atividades>>. Acesso em: 24 out. 2019.

VIRGO FLOS CARMELI. *Histórico e atualidade do IFAT e do ITTA*. Disponível em: <<http://www.virgofloscarmeli.org/page/artigo/27174>>. Acesso em: 24 out. 2019.

ZANOTTO, G. *TFP. Tradição, Família e Propriedade. As idiossincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995)*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

ZANOTO, G. Reconstruindo as vivências: a memória emergente de um egresso da TFP. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, v. 12, p. 19-38, 2004.

ZANOTTO, G.; CALDEIRA, R.C. Facetas do tradicionalismo católico. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Paulo, v. 16, p. 03-06, 2014.

Artigo recebido em: 25 out. 2019

Aprovado em: 12. Nov. 2019